

## Prática pedagógica a partir das dimensões do trabalho e identidade cultural nas escolas das comunidades da Amazônia Tocantina

 Benedito Junior dos Prazeres Silva<sup>1</sup>,  Hellen do Socorro de Araújo Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará - UFPA. Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura. Campus Universitário do Tocantins. Travessa Padre Antônio Franco, 2617 - Bairro Matinha. Cametá - PA. Brasil. <sup>2</sup> Universidade Federal do Pará - UFPA. Instituto de Ciência da Educação, Faculdade de Educação, Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura. Campus Universitário do Tocantins.

*Autor para correspondência/Author for correspondence: beneditojunior\_sva@yahoo.com*

**RESUMO.** Trata-se de um estudo realizado na Amazônia Tocantina, com objetivo de analisar a prática pedagógica dos professores(as)/egressos(as) da Licenciatura em Educação do campo do Campo - LEDOC, em diálogo com a vida dos sujeitos nas comunidades a partir das dimensões do trabalho e identidade cultural. A ancorou-se na abordagem qualitativa, tendo como procedimentos metodológicos a realização da pesquisa de campo com auxílio da observação participante e da entrevista semiestruturada. Os resultados revelaram que os egressos da LEDOC, ao atuarem nas escolas do campo, das águas e das florestas tem procurado dialogar com os aspectos do território, trabalho e identidade dos sujeitos, apesar das dificuldades enfrentadas para sua inserção socioprofissional.

**Palavras-chave:** licenciatura em educação do campo, prática pedagógica, identidade, trabalho.

---

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e18843	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------



## **Pedagogical practice based on the dimensions of work and cultural identity in schools in the communities of the Tocantina Amazon**

**ABSTRACT.** This is a study carried out in the Tocantina Amazon, with the aim of analyzing the pedagogical practice of teachers/graduates of the Degree in Field Education in the Countryside - LEDOC, in dialogue with the lives of the subjects in the communities, based on the dimensions of work and cultural identity. It was based on a qualitative approach, and its methodological procedures included field research using participant observation and semi-structured interviews. The results revealed that LEDOC graduates, when working in schools in the countryside, waters and forests, have sought to dialog with aspects of the territory, work and identity of the subjects, despite the difficulties faced in their socio-professional insertion.

**Keywords:** degree in rural education, pedagogical practice, identity, work.

## **Prática pedagógica basada en las dimensiones del trabajo y la identidad cultural en las escuelas de las comunidades de la Amazonía Tocantina**

**RESUMEN.** Se trata de un estudio realizado en la Amazonia Tocantina, con el objetivo de analizar la práctica pedagógica de los profesores/graduados de la Licenciatura en Educación de Campo en el Campo - LEDOC, en diálogo con la vida de los sujetos en las comunidades, a partir de las dimensiones del trabajo y de la identidad cultural. Se basó en un abordaje cualitativo, y sus procedimientos metodológicos incluyeron la investigación de campo mediante observación participante y entrevistas semiestructuradas. Los resultados revelaron que los egresados de la LEDOC, al trabajar en escuelas rurales, de agua y forestales, han buscado dialogar con aspectos del territorio, del trabajo y de la identidad de los sujetos, a pesar de las dificultades enfrentadas en su inserción socioprofesional.

**Palabras clave:** licenciatura en educación rural, práctica pedagógica, identidad, trabajo.

## Introdução

Este artigo é parte dos resultados da pesquisa de Mestrado intitulada: A inserção socioprofissional dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo-LEDOC-UFPA-Cametá: interfaces entre práticas pedagógicas, trabalho, auto-organização e identidade cultural, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação e cultura (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará. Para este momento, apresentamos a seção do capítulo de resultados da dissertação produzida em que discutiremos acerca da prática pedagógica nas escolas das comunidades da Amazônia Tocantina a partir das dimensões do trabalho e identidade cultural.

Para tanto iniciamos as discussões sobre o conceito de prática pedagógica e educativa, partimos do entendimento de Franco (2012), que compreende epistemologicamente a educação como objeto de estudo da pedagogia, já ontologicamente como conjunto de práticas sociais, a partir disso, se considerarmos a pedagogia e a prática pedagógica como práticas sociais, estas se tornarão prática educativa ou de educação pela explicitação, compreensão e tomada de consciência de seus objetivos. Com isso, identificamos, que a prática pedagógica será uma prática educativa na medida em que suas intencionalidades estiverem explícitas, possibilitando a inteligibilidade dessa prática com a educação que lhe fundamenta, através de uma base teórica consolidada e com finalidade de materializar processos sociais.

Quando falamos em práticas pedagógicas estamos nos referindo às práticas que são exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos e didáticos (planejamento do ensino na intencionalidade da aprendizagem futura do aluno), (Franco 2012). Nesta perspectiva, segundo Carvalho e Netto (1994. p. 59), a prática pedagógica, como uma prática social e como tal pode ser “determinada por um jogo de forças (interesses), pelo grau de consciência de seus atores, pela visão de mundo que os orienta, pelo contexto onde esta prática se dá, pelas necessidades e possibilidades próprias a seus atores e própria à realidade em que se situam”. Com isso, corroboramos com as autoras Veiga (1992), Franco (2015) e Souza (2016), que compreendem a prática pedagógica como uma dimensão da prática social e, que se encontra imbuída de contradições e de características socioculturais predominantes na sociedade.

Franco (2016) ao estudar a prática pedagógica retrata a definição de concepção de pedagogia utilizada, pois falar de prática pedagógica é falar de uma Pedagogia. Nas palavras da autora: “... só é possível ajuizar um conceito para práticas pedagógicas quando for definido a priori a concepção de Pedagogia ...” (Franco, 2016, p. 540). Logo, a medida que falamos em favor de uma prática pedagógica, que expressa a intencionalidade de movimentos sociais, povos e comunidades do campo, que se reconfigura continuamente através de um processo crítico-reflexivo em torno de um projeto educativo e de sociedade no campo, argumentamos a favor de uma outra epistemologia da Pedagogia, que não se configura como bancária, e sim, uma epistemologia crítico-emancipatória, que considera a Pedagogia uma prática social, com compromisso ético e com responsabilidade social (Franco, 2016). Esta autora especifica os princípios que organizam a prática pedagógica na perspectiva crítica e que nos ajudam a construir o conceito de prática adotado neste trabalho, ao destacar que:

- a) As práticas pedagógicas organizam-se em torno de intencionalidades previamente estabelecidas, e tais intencionalidades serão perseguidas ao longo do processo didático, de formas e meios variados;
- b) As práticas pedagógicas caminham por entre resistências e desistências; caminham numa perspectiva dialética, pulsional, totalizante;
- c) As práticas pedagógicas trabalham com e na historicidade; implicam tomadas de decisões, de posições e se transformam pelas contradições (Franco, 2016).

O conceito de prática pedagógica adotado neste trabalho é construído a partir das contribuições dos autores citados, correspondendo a uma perspectiva de prática de educação, um exercício crítico-reflexivo e contínuo, de natureza da prática social, que é marcado pela intencionalidade, que serve para superação das relações de poder ou para sua transformação, atuando pela historicidade dos sujeitos envolvidos, no movimento dialético entre resistências e desistências na disputa entre o que se deseja com as intenções e as imposições.

Para sustentar a ideia de que a prática pedagógica se dá por um processo de resistência, destacamos as contribuições de Freire (1987) que em *Pedagogia do Oprimido*, retrata sobre a necessidade e intencionalidade coletiva de libertação dos oprimidos e de fazer resistência diante do opressor na busca por sua libertação, no sentido de não adotar a educação do opressor, com recordarmos em sua célebre frase, “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”, pois para Gadotti (2007, p. 34) “a superação da contradição oprimido-opressor não implica em que os oprimidos se tornem opressores, mas a superação da condição de opressão”.

Desta maneira, as práticas pedagógicas pelo viés da educação do campo devem expressar a perspectiva de uma prática educativa, através da intencionalidade dos movimentos sociais e do povo do campo, na luta por educação e na luta por terra diante de uma concepção de sociedade e campo, como um espaço de possibilidades políticas, formação crítica, resistência, mística, identidades, cultura, histórias e produção das condições de existência social.

No curso de Licenciatura em Educação do Campo, o trabalho como princípio educativo se constitui um elemento fundamental da formação humana, isto é, da formação de professores (as) do campo e de sua atuação como docente, porém, sem se limitar a esta, visto que em sua proposta inicial de curso<sup>27</sup>, tem-se na prática de formação em alternância um elemento potencializador do trabalho como princípio educativo e formativo, visando o fortalecimento do vínculo da identidade, do trabalho e com a vida para continuar a existir e resistir no campo.

Nesse sentido, corroboramos com Silva *et al.* (2018), que ao pensar o trabalho na formação de professores da educação do campo através da alternância pedagógica, compreende o trabalho como o saber-fazer nas comunidades rurais, ou seja, para além do trabalho docente, isto é, trabalho na perspectiva das ações que os sujeitos do campo realizam no seu cotidiano.

Considerando a origem da educação do campo, dos movimentos sociais do campo, o trabalho como princípio educativo, as práticas pedagógicas enquanto processo de trabalho e como um instrumento de ação direta sobre a realidade dos homens - dimensão da prática social (Souza & Santos, 2007), há necessidade de que a prática dos (as) professores (as) reflita o compromisso ético-político e social com a superação das desigualdades socioeconômicas e educacionais enfrentadas no campo.

Utilizamos um apontamento de Candau (2008), para destacar, que não existe processo ou experiências pedagógicas “desculturalizados”, pois não há educação sem a imersão em processos culturais. Neste sentido, para relacionar a identidade cultural com as práticas pedagógicas, adotaremos o ponto de partida da autora:

Parto da afirmação de que não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica "desculturizada", isto é, desvinculada totalmente, das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura (s). Estes universos estão

profundamente entrelaçados e não podem ser analisados a não ser a partir de sua íntima articulação (Candau 2008, p. 13).

Através disso, percebemos que a identidade cultural dos egressos da educação do campo, pode ser considerado um elemento importante na constituição de sua prática, demarcando uma prática pedagógica a serviços da afirmação identitária camponesa.

Por esse prisma, a problemática que envolve este estudo refere-se às práticas pedagógicas que têm sido pensadas para as comunidades ribeirinhas, que se apresentam distante da realidade dos sujeitos, seja no sentido cultural, territorial ou de identidade. Nesse contexto, a pergunta de pesquisa que norteia este estudo busca entender: como a prática pedagógica pode dialogar com a vida dos sujeitos nas comunidades a partir das dimensões do trabalho e identidade cultural? Como objetivo geral buscou-se: analisar a prática pedagógica dos professores(as)/egressos(as) da Licenciatura em Educação do campo do Campo - LEDOC, em diálogo com a vida dos sujeitos nas comunidades a partir das dimensões do trabalho e identidade cultural.

Trata-se de um estudo ancorado na pesquisa qualitativa, pois segundo Bogdan e Biklen (1994) se ocupa de investigar questões que não se estabelecem mediante operacionalização de variáveis, sendo seu foco formulados na perspectiva de estudar os fenômenos em toda sua complexidade e em contexto natural. Para a coleta de dados utilizou-se entrevista semiestruturada. Segundo André e Lüdke (1986), a entrevista proporciona maior interação, possibilitando um ambiente recíproco entre os agentes da pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa de campo com auxílio da observação participante, que também se fez presente contribuindo para coleta e análise de dados dessa investigação. Cabe ressaltar, que a entrevista ocorreu na segunda quinzena do mês de novembro de 2022, e por seguinte, as observações participantes. Frisamos que esta última ocorreu de forma sistemática em quatro períodos ao longo do ano de 2022, sendo cinco dias em cada momento vivenciado nas comunidades e escolas, *locus* de atuação dos (as) professores (as) egressos (as) da LEDOC, para o acompanhamento das aulas. Para este artigo damos ênfase a prática de dois sujeitos que integraram a investigação.

Neste momento foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que pudéssemos utilizar os dados para análise deste estudo, que se concretizou através da Análise Textual Discursiva (Moraes & Galiazzi 2020). Desta forma, permitiu verificar as informações inter-relacionadas a sua trajetória vida e sua atuação, que possibilitam uma

análise mais completa dos elementos, que influenciam as práticas pedagógicas dos participantes da pesquisa.

Com relação ao lócus da pesquisa em questão apontamos o território do Baixo Tocantins como espaço da territorialidade construída por ribeirinhos(a)s pescadores(as) artesanais, extrativistas, agricultores familiares, quilombola e indígenas, pois é o local onde atuam e constroem suas relações com a natureza e entre si, tornando-se berço de suas experiências e significados. Nesse sentido, os (as) professores (as) participantes dessa pesquisa foram: 10 pessoas participantes da entrevista individual, sendo desta, selecionadas 2 (duas) para a observação participante, onde trazemos um pequeno recorte de suas práticas através da vivência nas comunidades e sala de aula dos entrevistados. Estes sujeitos são professores egressos da LEDOC, do campus de Cametá, turmas de 2014 e 2015.

### **Atuação socioprofissional de professores (as) do campo: prática pedagógica que dialoga com as dimensões do trabalho e identidade cultural dos estudantes**

Iniciamos nossas discussões acerca da concepção de educação e prática pedagógica constituída pelos (as) professores (as) do campo, em seguida, analisaremos como se deu esse processo para que sua prática pudesse ser contextualizada com a vida dos (as) estudantes a partir das dimensões do trabalho e identidade. Para isso, buscamos verificar se a partir da trajetória de vida e/ou da formação em educação do campo os egressos conseguiram construir uma concepção de educação e prática pedagógica. As respostas dão indícios que a formação em educação do campo tem possibilitado a construção de uma concepção de educação emancipatória. Inicialmente consideraremos um relato na íntegra da história de vida da Egressa 02 (*mulher negra, movimento social - UNECAMPO<sup>i</sup>, agricultora, quilombola e professora*).

*Eu não trazia nem meio frasco de farinha para vender pra vizinha da vovó, porque eu tinha vergonha de quem eu era, não queria me afirmar, nem pensar dizer que eu era do campo, no ônibus, fiquei horrorizada, quando aprovaram que os ônibus tinham que parar em frente das escolas pra descer e eu falava na frente da escola “eu não desço, nem a pau”, e eu não descia porque era algo tão enraizado dentro de mim, de que era do campo, é isso, eu sofria todo aquele preconceito que eu não me afirmava, então, o curso de Educação do Campo juntamente com o movimento social refletiu diretamente em mim e eu consigo perceber que eu perpasssei aquilo e a minha visão hoje é tentar fazer com que aquele aluno que ainda, assim, apesar de estar nesse momento diferente, ele ainda consegue sentir o que eu sentia porque eu vejo entendeu? Então, é uma coisa que mudou totalmente minha prática, quando*



*eu passo na frente das escolas eu vejo aqueles alunos sentados, eu sempre falo pro meu marido, olha aí tem muitos alunos com fome que ainda não comeu, só tomou o café, tem muito aluno que tem vergonha do que veio, então assim, essas práticas/experiência que aconteceram comigo eu tento transformar ela em pedagógica sabe? para tentar mostrar para esse aluno que ele tem identidade que ele não tem que ter vergonha do que ele ...(egressa 02).*

O texto demonstra como os professores, sujeitos do campo podem ter tido uma educação básica no campo estigmatizada devido sua origem e como a formação em educação do campo e atuação nos movimentos sociais o fizeram romper com o preconceito, afirmando seu pertencimento e sua identidade cultural. Na história de vida da egressa 02, as experiências vividas na educação básica, hoje, ao ser professora, revisita sua memória, bem como, a sua formação em Educação do Campo, para repensar o agir, o educar e o ser educadora do campo, pois nesse revisitar ressignifica sua história de vida e a sua prática, pensando em uma educação humanizadora, que respeite as dificuldades do outro e contribuía com a educação nos espaços, seja no campo ou nas águas. Foi necessário voltar ao passado para se reconhecer por meio do território, a qual pertencemos. Nesse sentido, os autores: Candau (2008), Vasconcelos (2010), Freitas (2020), Carneiro (2022), Lourenço; Costa; Sousa (2018) vem apontando a inter-relação e a importância do diálogo entre educação, cultura, prática pedagógica e identidade cultural, ao evidenciar, que a prática pedagógica pode fortalecer ou inviabilizar processos identitários dos alunos.

A esse respeito, percebemos que a professora busca desenvolver uma educação e práticas baseada em elementos que tem nas próprias experiências, como exemplificações, experiência baseada na realidade e no território onde vivem seus alunos, logo, os elementos apontados estão relacionados a uma prática de uma educação emancipatória e de afirmação identitária.

O relato da egressa 04 (mulher branca, mãe, pescadora e professora) apresenta a mesma perspectiva, porém dando ênfase, para o curso de educação do campo, que foi fundamental para afirmação de uma concepção de educação emancipatória, ao afirmar que: “... ele (curso de educação do campo) foi o ponta pé para mim para ter a concepção de uma educação emancipatória.” e “... ele realmente tem um ensino de qualidade, no ensino que vai trabalhar a realidade desse sujeito e valorizar o saber dos sujeitos...” Desse forma, percebemos, que a LEDOC, tem contribuído para que os egressos(as) venham construir uma visão diferenciada acerca de uma educação com responsabilidade social, diferenciada no

sentido de buscar compreender as especificidades do outro, sejam estas de trabalho ou identidade a que pertencem, pois por estas dimensões se formam e são formados sujeitos sociais de direitos.

O egresso 05 (homem pardo, pai, agricultor e professor) atribui a formação em educação do campo, uma visão de uma educação emancipatória e relacionada ao protagonismo na história de vida dos sujeitos, apontando que na “... *proposta da Educação do Campo, a gente vê um pouco diferenciado, uma educação libertadora, que vem muito com base na pedagogia do Paulo Freire ... a gente realmente possa estudar pra ser um cidadão construtor da sua própria história ....* Além disso, ainda situa a existência de uma concepção de educação excludente e aspectos sobre o fechamento de escolas do campo, ao expor que *...hoje ainda tem uma educação hegemônica que é essa situação que exclui e não te inclui.*” e “... *hoje a gente ainda tem muitas dificuldades, ainda percebe que tem muita essa visão da escola reunida (nucleadas) que acaba fechando as escolas do campo (egresso 05).* Sobre o processo de nucleação e fechamento de escolas do campo, o relato aponta que estes trazem grandes perdas educacionais para as comunidades, além de que reduz as perspectivas de trabalho das pessoas formadas na comunidade, principalmente os graduados nas licenciaturas em educação do campo (Janata, Correa & Stefanés, 2021).

Os relatos mostram que a partir da trajetória de vida dos egressos é possível fazer a identificação de um conjunto de lutas e negação de direitos específicos de suas realidades camponesas, está negação se conecta com a concepção de educação rural pela qual sua formação básica foi moldada. Em meio a isso, identificamos, que a formação em educação do campo possibilitou a construção de uma nova percepção de educação, está de perspectiva emancipatória e formação humana, baseada na realidade dos sujeitos em diálogo com seu território, identidade e trabalho. Em se tratando do autor citado (Paulo Freire), traz como características marcantes em suas obras como Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Autonomia, a preocupação com os processos educativos, o caráter denunciativo da alienação e exploração, a qual a classe trabalhadora é submetida (Freitas, 2007), assim como a valorização do conhecimento socialmente construído.

Ainda relacionado à prática pedagógica e formação em educação do campo, os participantes da pesquisa informaram desenvolver práticas relacionadas aos princípios e fundamentos da educação do campo, como a contextualização de conteúdo, ensino a partir da realidade do educando, respeito aos saberes do educando e interdisciplinaridade, conforme

relata o Egresso 03 (Homem negro, agricultor, quilombola e professor/diretor): “... *trabalhar de forma interdisciplinar e trazendo a tua realidade para dentro da escola...*”.

Na mesma perspectiva a Egressa 4 destaca dificuldades: “... *buscado trabalhar a realidade desse jeito, para trabalhar a realidade desse sujeito, é um desafio muito grande porque a escola não nos dá condições...*”. A mesma entrevistada destaca que através de diálogos e aulas práticas, é possível: “... *mais a gente busca assim trabalhar as aulas práticas e procurar dialogar com esses sujeitos para ver os conhecimentos que esses sujeitos trazem para a escola*” (egresso 04).

Já para Egresso 2, é preciso ter compreensão da identidade do aluno, para buscar sua afirmação enquanto sujeito do campo, já que relata que é necessário: “... *ter essa compreensão da identidade do aluno, sabe construir, que ele possa se afirmar enquanto é aquele, a criança que é do campo*”. E para enfatizar sua preposição exemplifica com sua prática:

*... eu comecei questionar sobre o alfabeto que as crianças aprendiam “A” de abacaxi, “A” de não sei o que?, bora mudar isso, “A” de que? “A” de açai, um dia desse o menino se acabou rindo eu disse “M” de que? de “Mucura” então são coisas que está no contexto dele e que eles acabam aprendendo de maneira muito mais rápida (egressa 2).*

Observamos, que apesar das limitações ou dificuldades em realizar práticas alicerçadas aos princípios e fundamentos da educação do campo, as falas acima nos remetem ao contexto de um ensino pautado na realidade do estudante ou ensino contextualizado, atividades práticas e experiências na comunidade, a interdisciplinaridade no ensino, respeito aos saberes dos alunos, da identidade cultural e saberes tradicionais. Porém, buscamos verificar se isso ocorre na prática a partir das observações.

Estes aspectos relacionados as práticas, foram observados durante as aulas que foram acompanhadas, da egressa/professora 02 na Turma Multiserie Jardim I da E.M.E.I.F Pedro Monteiro, Município de Mocajuba/Pa (localidade: Igarapé do Meio). Uma atividade escolar de reciclagem e confecção de brinquedos, que foram resultado de atividade de campo, onde as crianças fizeram observações na comunidade, visitando lugares onde se despeja o lixo, como por exemplo: margens de rios e igarapés. Nesta aula de campo foi explicado sobre as consequências do lixo, a importância da preservação dos rios e igarapés, e a conscientização acerca do meio ambiente da comunidade. Após a aula de campo, foi feito um momento de intervenção através da coleta e reciclagem/reutilização de alguns materiais que foram encontrados na comunidade: garrafa pet, tampinha, caixa de sapato, etc.

Posteriormente a higienização desses materiais, na sala de aula, ensinou-se a confeccionar brinquedos com os materiais coletados na aula de campo. Todo processo foi desenvolvido com a supervisão da professora, foi produzido porta lápis para cada aluno, carrinhos, barquinhos e outros brinquedos. A atividade foi desenvolvida em dois dias de aula. No 1º dia, foi a aula de campo, coleta e higienização dos materiais encontrados na comunidade, já no 2º dia foi realizada a confecção dos utensílios e brinquedos.

Ainda considerando as aulas práticas, vivenciamos a realização de uma aula de campo de uma outra professora, egressa 01 na Turma da E.M.E.I.F Levindo Rocha, Baião/Pa. Onde desenvolveu-se a atividade: Conhecendo os tipos de solos e plantas. O que faz referência a aulas práticas de ciências. A aula foi realizada no quintal da escola e contou com a coleta de substrato para avaliação de textura, cor e composição. Além disso, trabalhou-se os grupos de plantas, dando ênfase as estruturas das folhas como tamanhos, textura, formas, cores entre outras. Durante a atividade os alunos estavam muito atentos e ficavam encantados ao descobrirem diferentes características dos solos em um mesmo espaço, assim como as plantas.

A partir disso, pensamos a prática pedagógica como processo de trabalho, buscando entender a relação trabalho e educação no contexto da educação do campo, uma vez que é necessário pensar a formação do trabalhador do campo. Nesta perspectiva, o trabalho é um instrumento formativo, materializando propostas educativas através dos movimentos sociais e da educação do campo a fim de possibilitar uma formação para o mundo do trabalho no sentido ontológico e não apenas para a mão-de-obra, ou seja, para o capital como uma mercadoria, pois ao analisarmos as narrativas dos professores egressos em conjunto com as nossas observações a respeito da prática pedagógica, encontramos um conjunto de práticas que não se limitam ao ambiente escolar, pois os egressos demonstraram em seus espaços de atuação preocupação em desenvolver aulas práticas, relacionadas ao local de vivência dos alunos, a processos históricos, responsabilidade ambiental, saberes locais, entre outras.

Identificamos também, a valorização dos aspectos históricos e culturais dinamizando o ensino e buscando solucionar questões locais em um trabalho que extrapola o ambiente escolar e se expande para questões sociais que envolvem a comunidade. A partir disso, entendemos a importância do papel das ciências ao fomentar a valorização de conhecimentos, saberes, culturas, memórias, história dos sujeitos do campo, através da pesquisa em espaços formais e não formais de educação (igreja, associação, sindicato), reconhecendo a diversidade

existente entre os povos do campo e desta forma contribuindo com o projeto de sociedade destes sujeitos (Diegues, 2001).

No desenvolvimento das práticas pedagógicas, observamos uma vertente de práticas muito ligada a construção de experiências, pautada na realidade dos (as) estudantes e usando diferentes estratégias, como é possível verificar no relato da Egressa 01: *“... eu consigo colocar em prática essa conversação do conteúdo com a realidade do aluno ... por exemplo as aulas de ciências eu levo os meus alunos para o quintal ... o quintal da escola me possibilita fazer essas aulas para que os meus alunos tenham contato na prática”*.

O Egresso 06 (Homem negro, agricultor, quilombola e professor) faz um relato interessante, ao afirmar que a educação acontece não só na escola, mas, em todo lugar onde há diálogo: *“A educação a gente faz em qualquer lugar a todo momento que a gente está dialogando ... a gente faz combatendo o agrotóxico que é debatido muito na comunidade e outros problemas que podem causar ao meio ambiente através das queimadas”*. Este relato pode ser relacionado a prática educativa na perspectiva agroecológica, segundo Angêlo e Kruppa (2021), na educação do campo, a agroecologia tem ganhado importância nas experiências de formação e tem se construído fundamental para fortalecer a agricultura familiar camponesa.

Além disso, mantém a perspectiva de trabalhar os conteúdos de maneira prática com utilização cartolinas, pincéis, entre outros: *“a gente fez uma aula de ciências dos “bichinhos” que fazem camuflagem para escapar dos predadores, a gente pegou uma cartolina e desenhou borboletas, a Carolina era branca e a gente desenhou as borboletas brancas e preta”* (egresso 06). Já o Egresso 03, corrobora sobre o desenvolvimento de atividades mais práticas com foco no desenvolvimento de atividades investigativas na comunidade, buscando informações relacionadas ao cotidiano dos alunos, ao informar que: *“Eu não ficava entre quatro paredes, minha aula é baseada na pesquisa. O pessoal saía para pesquisar nas casas para conhecer famílias, conhecer a história do lugar mesmo dentro da ciência”*, mas também considera aspectos locais, ao destacar: *“O que é nosso, que trabalhamos, tem sobre agricultura, agricultura familiar relacionada ao nosso açaí ao nosso mapará com o matapé essas coisas que mexe com as nossas vidas”*. Por este viés, apontamos que para Morigi (2003) a escola do campo deve assumir a identidade do sujeito do campo, na medida em que deve afirmar a identidade camponesa, estabelecendo um compromisso com a construção de

projetos, história e cultura daquele que vive e atua no campo, sem perder de vista o ser humano em seu envolvimento no processo de formação e de construção da sociedade.

Buscando verificar se na trajetória de vida e na formação em educação do campo os egressos identificaram elemento que contribuam para afirmação de uma prática pedagógica diferenciada, que identificamos elementos presentes no relato da trajetória de vida dos egressos ao expressarem suas lutas, como demonstra a egressa 02: “... *A primeira delas é a afirmação de identidade... Essa minha história de vida eu a trago como uma experiência aí pego ela para tentar transformar numa prática pedagógica, minha experiência do que eu recorde do que eu passei...*”.

A egressa 04, traz relato das dificuldades vivenciadas: “... *se tu tens uma trajetória escolar que não é muito fácil tu chega na sala de aula tu não tem um ensino atrativo que vai realmente te preencher do que tu precisa, então conseqüentemente tu vai acabar desistindo...*”. E para exemplificar como sua história de vida influencia sua prática, na medida em que informa que: “*A minha história de vida influencia muito no sentido de mudar essa realidade..., então essas minhas práticas em sala de aula eu procuro ter uma forma de ensino atrativo...*”.

A trajetória dos egressos revela uma história de luta, dificuldades e afirmação de sua identidade, especificamente no curso de Licenciatura em Educação do Campo, todo este processo é convertido em reflexões que servem como elementos constituintes de suas práticas pedagógicas, revelando um compromisso de luta e garantia do direito à educação para seus estudantes, além disso, buscam em suas experiências de vida aspectos para trabalhar a realidade dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Para Silva, Borges, Pinheiro (2020), a própria formação de professores das licenciaturas em Educação do Campo constitui-se de práticas de resistências nos ambientes institucionais e nos movimentos sociais, principalmente no que diz respeito a reconstrução da proposta de escola do campo e seus atores. Com isso, destacamos que a afirmação identitária e cultural através da atuação dos egressos, mediado pelas práticas pedagógicas, é um instrumento para construir experiências e práticas de resistências.

Para os licenciados, sujeitos da pesquisa, é possível indicar elementos de sua identidade cultural que estão diretamente relacionados com suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, a identidade está relacionada ao trabalho e ao território, influenciando a prática pedagógica, como relata a egressa 01: “... *quando eu quis fazer o protótipo, o projetinho da*

*roça de mandioca, foi porque talvez essa é uma identidade, porque eu sou filha de agricultores então durante toda a minha vida a gente foi para roça plantar capinar, colher fazer farinha... Além disso, destaca que “... talvez essa minha identidade cultural tenha aflorado nesse momento para eu querer mostrar, ela não é só minha, ela é assim da grande maioria da região de Baião”.*

Essa afirmação nos revela, que a identidade cultural está conectada ao território do sujeito, estes se afirmam a partir da sua ligação com o seu espaço, seja do campo, das águas ou das florestas. Neste sentido, a identidade dos egressos abrange uma especificidade territorial, pois quando vinculamos identidade e território, estamos falando de marcas materiais e imateriais construídas a partir da relação desses sujeitos com o campo. Essa conexão expressa não apenas quem é o sujeito, mas o educador da comunidade.

Por isso, não podemos falar de apenas um (a) professor (a), mas de um (a) educador (a) do campo, que reverbera em suas práticas, práticas de resistência, quando este e estas valorizam os saberes locais, afirma sua identidade, dialoga com o conteúdo de suas aulas com a cultura local, como podemos verificar na fala do Egresso 02, ao destacar atividades típicas, como festividades presentes nas comunidades, brincadeiras e jogos, como elemento relacionado a sua prática, na medida que tratar ... *Brincar de bola, brincar de “pira” (pique-esconde), tomar banho no rio, contar história, brincadeiras, assim, com coisas culturais que perpassa pela minha prática pedagógica enquanto docente do campo.*

Concluimos que a identidade cultural está impregnada na prática pedagógica, assim como Candau (2008) destaca, que não existe processo ou experiências pedagógicas “desculturalizados”, onde não há educação sem a imersão em processos culturais. Logo, a prática pedagógica, trabalho e a identidade cultural estão inter-relacionadas, na medida que traz à tona elementos da experiência e da vivência cotidiana dos alunos e professores da comunidade, que reverbera em suas reflexões e influencia na sua ação. Principalmente no diz respeito aos momentos em que se trabalha com a perspectiva de uma prática educativa, trazendo a teoria e a prática, dando exemplos locais, desenvolvendo aulas de campo, práticas investigativas sobre origem e nomes das comunidades, movimentos culturais, brincadeiras, contação de estórias, entre outras.

## Considerações finais

Este estudo nos levou a identificar, que o (a) professor (a) do campo, das águas e das florestas, refletem práticas de resistência mediadas nas vivências de suas lutas, seja contra o fechamento de escolas, ou para valorizar o modo de existir dos sujeitos. Assim, a resistência tem acontecido não apenas na sala de aula na contextualização dos conteúdos programáticos aliados aos saberes locais, mas para além desse espaço, quando os (as) professores (as) instigam os alunos a pensarem criticamente a sociedade, quando se cria ambientes de discussões com as crianças e jovens, e com isso vão construindo um terreno para estes se auto-reconhecerem sujeitos daquele lugar, com uma identidade, cultura, saberes e jeitos específicos.

Dessa forma, alcançamos o objetivo proposto neste estudo, ao identificarmos esses apontamentos, que revelam, que a prática pedagógica dos (as) professores (as) do campo têm dialogado com a vida dos sujeitos nas comunidades a partir da dimensão do trabalho e identidade cultural. Nesse caminho, os principais resultados revelaram, que os (as) professores (as) vão reafirmando seu lugar de fala como ribeirinho(a), mulher feminista, negro(a), quilombola, agricultor(a), dentre outras identidades, vão expressando práticas de resistência, defendendo seu território, culturas, religiões, modo de ser e existir nos espaços que circulam. São professores (as), que militam por causas sociais nos espaços escolares, pois sua prática se materializa para além desse espaço, visto que são agentes de transformação e desenvolvimento na sociedade, almejando alcançar seus direitos.

Concluimos afirmando que a atuação dos (as) egressos (as) de forma contextualizada vai despertar nos outros, o sentimento de busca ao levantar a bandeira de luta e resistência em defesa pela vida, cultura e identidade associada ao território que pertencem. Desse modo, ao considerar as particularidades das comunidades e sujeitos, os (as) professores (as), egressos da LEDOC 2014-2015, revelam práticas de resistências na luta por uma educação de qualidade e responsabilidade sociocultural. Para tanto, a relevância deste estudo é de cunho político, social e educacional, ao reconhecer as identidades culturais, fortalecer as lutas e reafirmar os direitos dos sujeitos do campo, pois os (as) professores (as) do campo têm se feito presente nos territórios, como agentes de desenvolvimento e transformação.



## Referências

- Ângelo, A. A., & Kruppa, S. M. P. (2021). Egressas da Licenciatura em Educação do Campo: caminhos na mudança da forma escolar. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 6, e12756. <https://doi.org/10.20873/uft.rbec.e12756>
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora
- Candau, V. M. (2008) Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In Moreira, F., & Candau, V. M. (org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas* (pp. 13-37). Petrópolis: Vozes
- Carneiro, M. R. S. (2022). A Identidade Cultural e Saberes dos Estudantes nos Componentes Curriculares das Escolas Multisseriadas em Presidente Figueiredo-AM. *ID on line Revista de Psicologia*, 16(61), 256-281. <https://doi.org/10.14295/idonline.v16i61.3525>
- Carvalho, M. D. C., & Netto, J. P. (1994). *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo, SP: Cortez
- Diegues, A. C. (2016). *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo, SP: Hucitec
- Franco, M. A. do R. S. (2016). Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 97(247), 534-551. <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>
- Franco, M. A. S. (2012). *Pedagogia e prática docente*. São Paulo, SP: Cortez
- Franco, M. A. S. (2015). Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. *Educ. Pesqui.*, 41(3), 601-614. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201507140384>
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra
- Freitas, A. B. (2020). Fortalecimento da identidade do aluno do campo: diálogo entre práticas pedagógicas e elementos culturais dos alunos campestres. *Minerva: Magazine of Science*, 8(2), 1-8.
- Freitas, M. F. Q. (2007). *Educação de jovens e adultos, educação popular e processos de conscientização: intersecções na vida cotidiana*. Curitiba. UFPR
- Gadotti, M. (2007). *A Escola e o Professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. São Paulo, SP: Publisher

Janata, N. E., Corrêa, A. J., & Stefanês, K. T. (2021). Desafios da inserção dos egressos e egressas da Licenciatura em Educação do Campo no trabalho docente. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 6, e12969. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e12969>

Lourenço, C. A, Costa, I. S., & Sousa, A. R. C. (2018). Prática docente e identidade cultural ribeirinha: do menosprezo à valorização das diferenças. In *Anais V CONEDU*. Campina Grande: Realize Editora

Ludke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, SP. EPU

Moraes, R., & Galiazzi, M. C. (2007). *Análise textual discursiva*. Ijuí: Unijuí

Morigi, V. (2003). *A escola do MST: uma utopia em construção*. Porto Alegre: Mediação

Silva, H. S. A., Borges, C. N. F., & Pinheiro, M. S. D. (2020). Política de formação dos professores do campo: prática de resistência na Amazônia. *Revista Trabalho Necessário*, 18(37), 139-162.

Silva, H. S. A., Silva, E. M., Brilho, S. S. Q. C., Corbin, M. M. C. F., & Pompeu, G. S. S. (2018). O trabalho como princípio educativo em sistemas de produção familiar. *Revista Trabalho, Política e Sociedade*, 3, 1-337

Souza, M. A. (2016). *Sobre o Conceito de Prática Pedagógica*. In Silva, M. C. B. (Org.). *Práticas pedagógicas e elementos articuladores* (pp. 38-65). Curitiba, Universidade Tuiuti.

Souza, M. A., & Santos, F. H. T. (2007). Educação do campo: prática do professor em classe multisseriada. *Revista Diálogo Educacional*, 7(22), 211-227.

Vasconcelos, M. E. O (2010). *Identidade cultural de estudantes rurais/ribeirinhos a partir das práticas pedagógicas* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

Veiga, I. P. A. (1992). *A prática pedagógica do professor de Didática*. Campinas. Papirus.

---

<sup>i</sup> Movimento formado por estudantes e profissionais da educação do Campo.

#### Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 04/03/2024  
Aprovado em: 29/05/2024  
Publicado em: 23/08/2024

Received on March 04th, 2024  
Accepted on May 29th, 2024  
Published on August, 23th, 2024

**Contribuições no Artigo:** Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

**Author Contributions:** The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

**Conflitos de Interesse:** Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

**Conflict of Interest:** None reported.

#### **Avaliação do artigo**

Artigo avaliado por pares.

#### **Article Peer Review**

Double review.

#### **Agência de Fomento**

Não tem.

#### **Funding**

No funding.

#### **Como citar este artigo / How to cite this article**

##### **APA**

Silva, B. J. P., & Silva, H. S. A. (2024). *Prática pedagógica a partir das dimensões do trabalho e identidade cultural nas escolas das comunidades da Amazônia Tocantina*. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 9, e18843.

##### **ABNT**

SILVA, B. J. P.; SILVA, H. S. A. *Prática pedagógica a partir das dimensões do trabalho e identidade cultural nas escolas das comunidades da Amazônia Tocantina*. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 9, e18843, 2024.